

BIBLIOTECA
DO
CIDADÃO

LIVRO NA RUA

Série
Escritores
Brasileiros

Clássicos



25

Sílvio Romero

CONTOS POPULARES

Coleção Divulgação – INCENTIVO À LEITURA – Distribuição Gratuita

T
THESAURUS
Editora

Fontes de Alencar é sergipano nascido em 1933 na cidade de Estância, antiga Vila Constitucional da Estância, e bacharel pela Faculdade de Direito da Universidade do Recife. Além de trabalhos estritamente jurídicos escreveu *Liberdade : Teoria e Lutas*, e dele a Thesaurus Editora recentemente publicou *História de uma polêmica*. Organizou o Fascículo 14 – Bittencourt Sampaio – *Poesias*, da série *Autores Brasileiros* da coleção *Livro na Rua*, da mesma editora. Integra a Academia Sergipana de Letras e a Academia Brasiliense de Letras. Recebeu, em 1999, a Medalha João Ribeiro, da Academia Brasileira de Letras.

© Thesaurus Editora – 2006
Editor: Victor Alegria

Arte, impressão e acabamento:
Thesaurus Editora de Brasília

Os direitos autorais da presente obra estão liberados para sua difusão desde que sem fins comerciais e se citada a fonte.

THESAURUS EDITORA DE BRASÍLIA LTDA.
SIG, Quadra 8, Lote 2356 – CEP 70610-400 – Brasília, DF
Fone: (61) 3344-3738 – Fax: (61) 3344-2353
End. Eletrônico: editor@thesaurus.com.br
Página na Internet: www.thesaurus.com.br
Composto e impresso no Brasil – Printed in Brazil

Contos Populares

ANOTAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Sílvio Romero nasceu em Sergipe na outrora vila, hoje cidade de Lagarto, no ano 1851, e faleceu no Rio de Janeiro em 1914. Nessa última fizera os estudos preparatórios no Atheneu Fluminense; o curso superior, na Faculdade de Direito do Recife. Clovis Bevilacqua, que historiou o primeiro século da vetusta Instituição, referindo-se aos bacharéis de 1873, disse de Sílvio Romero: “É uma das mais vigorosas mentalidades de que se orgulha o país.” Foi ele historiador literário, filósofo, ensaísta e terçador por suas idéias; e membro da Academia Brasileira de Letras. Da intensa e extensa produção intelectual romeriana resultou vasta bibliografia, de que se destaca a História da Literatura Brasileira.

Preocupado com a formação da nossa gente, voltou sua atenção para a Cultura do Povo. Daí, Cantos Populares do Brasil e Contos Populares do Brasil, que na observação de Luís da Câmara Cascudo constituem o primeiro documentário da literatura oral brasileira. Ao prefaciar a edição de 1954, da primeira dessas obras, da Coleção Documentos Brasileiros, já sob a direção de Octavio Tarquinio de Sousa, escreveu o grande Câmara Cascudo, aludindo à relação do seu autor com o campo temático: “O Folclore não foi para ele uma atividade. Era uma progressão de sua mentalidade, prolongava-lhe o poder aquisitivo pelo recurso infalível de recorrer às tradições populares como um reforço à sua inteligência. Para aquele Anteu o Folclore era o chão da terra, multiplicador de energia.”

À 5ª edição de Contos Populares do Brasil, a de

Sílvio Romero

1911, de que se serve agora o organizador deste Fascículo, agregou o folclorista Nota Indispensável referente à 2ª, asseverando se lhe aplicar cabalmente, do seguinte teor: “Todos os contos que se encontram neste livro, exceto os cinco ou seis tomados a Couto de Magalhães para estudo comparativo, foram por nós diretamente recolhidos da tradição oral. Não incluímos neles nenhum artifício; nenhuma ornamentação. Nenhuma palavra há que não fosse fielmente apanhada dos lábios do povo.”

A ONÇA E O GATO

(PERNAMBUCO)

A onça pediu ao gato para lhe ensinar a pular, e o gato prontamente lhe ensinou. Depois indo juntos para a fonte beber água, fizeram uma aposta para ver quem pulava mais. Chegando à fonte encontraram lá o calangro, e então disse a onça para o gato: “Compadre, vamos ver quem de um só pulo pega o camarada calangro.” “Vamos,” disse o gato. “Só você pulando adiante,” disse a onça. O gato pulou em cima do calangro, a onça pulou em cima do gato. Então, o gato pulou de banda e se escapou. A onça ficou desapontada e disse: “Assim, compadre gato, é que você me ensinou?! Principiou e não acabou...” O gato respondeu: “Nem tudo os mestres ensinam aos seus aprendizes”.

O PESCADOR

(SERGIPE)

Havia um homem que era pescador e tinha uma filha. Um dia ele foi pescar e achou uma jóia no mar, muito

Contos Populares

bonita. Ele voltou para casa muito alegre e disse à filha: “Minha filha, eu vou dar esta jóia de presente ao rei.” A filha disse que ele não desse, e antes guardasse, mas o velho não a ouviu e levou a jóia ao rei. Este recebeu a jóia e disse ao velho que (sob pena de morte) queria que ele lhe levasse sua filha a palácio: nem de noite, nem de dia, nem a pé, nem a cavalo, nem nua, nem vestida. O velho pescador voltou para casa muito triste, o que vendo a filha, perguntou-lhe o que tinha. Então o pai respondeu que estava triste porque o rei tinha-lhe ordenado que ele a levasse, nem de dia, nem de noite, nem a pé, nem a cavalo, e nem nua, nem vestida. A moça disse ao pai que descansasse, que ficava tudo por conta dela, e pediu que lhe desse uma porção de algodão, e lhe trouxesse um carneirinho bem gordo. O pai trouxe-lhe o algodão e o carneirinho, e no dia marcado pelo rei, de madrugada, quando não era nem de dia, nem de noite, a moça cobriu todo o corpo de algodão e saiu montada no carneirinho. Quando chegaram em palácio, o rei ficou muito contente e satisfeito porque o velho tinha cumprido o que lhe havia ordenado sob pena de morte, A moça ficou em palácio e o rei disse-lhe que ela podia escolher e levar para casa a coisa de que mais se agradasse dali. Na ocasião do jantar a moça deitou um bocado de dormideira no copo de vinho do rei, e chamou os criados e mandou preparar uma carruagem. Quando o rei tomou o vinho deu-lhe logo muito sono e foi dormir. A carruagem já estava preparada e a moça mandou os criados botarem o rei dentro e largou-se para casa. Quando o rei acordou da dormideira, achou-se na casa do velho pescador, deitado em uma cama e com a cabeça no colo da moça. O rei ficou muito espantado e perguntou o que queria dizer aquilo. Ela então respondeu

Sílvio Romero

que ele tinha dito que podia trazer do palácio aquilo que mais lhe agradasse, e do que mais ela se agradou foi dele. O rei ficou muito contente de ver a sabedoria da rapariga e casou-se com ela, havendo muita festa no reino.

O CÁGADO E A FONTE

(SERGIPE)

Uma feita, o cágado intrigou-se com o homem, o teiú e a onça por causa de um casamento com a filha da onça. Havia uma fonte onde todos os bichos costumavam ir beber; o cágado lá chegou, botou dentro dela uma porção de sapinhos e lhes deu ordem que, quando viesse ali algum bicho beber, eles cantassem:

“Turi, turi....
Quebrar-lhes as pernas,
Furar-lhes os olhos...”

Feito isto, o cágado foi-se embora.

Chegou o macaco para beber, ouviu aquilo e ficou com muito medo e foi-se, e espalhou o caso. Outros bichos vieram e todos se retiraram com medo. Veio o teiú, a mesma cousa; veio a onça, o mesmo. Afinal o homem veio e também fugiu com medo. Faltava o cágado; foram chamá-lo. Ele disse que estava pronto a ir, mas acompanhado de todos os outros, e munido de sua gaita e tocando. Chegando a certa distância mandou os outros esperar, avançou, chegou junto à beira da fonte, deu ordem aos sapinhos para se calarem; eles obedeceram. O cágado encheu seu pote e retirou-se vitorioso com grande espanto de todos os outros animais e

Contos Populares

casou-se com a filha da onça.

AMIGA FOLHAGEM

(SERGIPE)

Uma vez o macaco intrigou-se com a onça, não se sabe bem o motivo. A onça andava sempre a ver se pegava o macaco; mas o macaco, muito arreiro, sempre escapava dela. Ora, houve um tempo em que todos os rios e fontes do mundo secaram, e a onça ficou contente, porque supunha que desta vez o macaco lhe não escaparia. Largou-se e foi esperá-lo no lugar único em que havia água, e que estava servindo de bebedouro a todos os bichos.

O macaco foi beber água e por um triz que não morreu. Mas sempre escapou-se, e ficou com muito medo. Então ele engenhou um meio de escapar da onça, e foi o seguinte: encontrou um viajante que levava umas cabaças de mel de uruçú; apoderou-se de uma delas, e lambusou-se bem no mel e depois se cobriu todo de folhas bem verdinhas e largou-se pelo mundo a fazer estrepolias. Logo chegou aos ouvidos de todos os bichos que tinha aparecido um bicho novo, a que chamavam amiga folhagem. Assim o macaco bebeu água e escapou. Nessa ocasião a onça lhe perguntou quem era, e ele respondeu:

“ Eu sou a folharada,
Sempre que vier beber
Tenho de ser transformada.”

Sílvio Romero

E realmente as folhas lhe foram caindo da pele e também o pelo . Foi então o macaco à fonte ; lhe perguntaram quem era ; ele respondeu :

“O tronco da folharada;
Todas as vezes que aqui bebe
É transformada ...
Dês que nesta casa bati
Nunca mais água bebi...”

Houve muita gargalhada, e o macaco ficou bebendo água desassombrado.

A RAPOSA E ONÇA

(Versão da lenda antecedente colhida entre os índios por C. de Magalhães)

O sol secou todos os rios e ficou só um poço com água. A onça então disse: “Agora sim; pilho a raposa, porque vou fazer espera no poço da água.” A raposa, quando veio, olhou pra frente e avistou a onça; não pôde beber água e foi-se embora, imaginando um plano para poder beber.

Vinha uma mulher pelo caminho com um pote de mel na cabeça.

A raposa deitou-se no caminho e fingiu-se morta; a mulher arredou-a e passou.

A raposa correu pelo cerrado, saiu-lhe adiante no caminho, e fingiu-se morta; a mulher arredou-a e passou adiante.

A raposa correu pelo cerrado e fingiu-se morta; a

Contos Populares

mulher chegou e disse:

—Se eu tivesse apanhado as outras já eram três.

Arriou o pote de mel no chão, pôs a raposa dentro do cesto, deixou-o aí, e voltou para trazer as outras raposas.

Então a raposa lambusou-se no mel, deitou-se por cima das folhas verdes, chegou ao poço e assim bebeu água.

Quando a raposa entrou na água e bebeu, as folhas se soltaram; a onça conheceu-a, mas quando quis saltar-lhe em cima, a raposa fugiu.

A raposa estava outra vez com muita sede, bateu num pé de aroeira, lambusou-se bem na sua resina, espjou-se entre as folhas secas, e foi para o poço.

A onça perguntou :

—Quem és?

—“Sou o bicho Folha-seca”

A onça disse: — Entra na água, sai e depois bebe.

A raposa entrou, não lhe caíram as folhas, porque a resina não se derreteu dentro d'água; saiu e depois bebeu, e assim fez sempre até chegar o tempo da chuva.

O CÁGADO E O TEIÚ

(SERGIPE)

Foi uma vez, havia uma onça que tinha uma filha; o teiú queria casar com ela, e amigo cágado também. O cágado, sabendo da pretensão do outro, disse em casa da onça que o teiú para nada valia, e que até era o seu cavalo. O teiú, logo que soube disto, foi ter também à casa da comadre onça, e asseverou que ia buscar o cágado para ali para dar-

lhe muita pancada à vista de todos, e partiu. O cágado, que estava na sua casa, quando o avistou de longe correu para dentro e amarrou um lenço na cabeça, fingindo que estava doente. O teiú chegou na porta e o convidou para darem um passeio em casa da amiga onça; o cágado deu muitas desculpas, dizendo que estava doente e não podia sair de pé naquele dia. O teiú teimou muito: Então, disse o cágado, você me leve montado nas suas costas." — "Pois sim, respondeu o teiú, mas há de ser até longe da porta da amiga onça." — "Pois bem; mas você há de deixar eu botar o meu caquinho na sela: porque assim em osso é muito feio." O teiú se massou e disse: "Não que eu não sou seu cavalo !" — " Não é por ser meu cavalo, mas é muito feio." Afinal o teiú consentiu. "Agora, disse o cágado, deixe botar minha brida." Novo barulho do teiú, e novos pedidos e desculpas do cágado, até que conseguiu por a brida no teiú e munir-se do mangoal, esporas, etc. Partiram; quando chegaram em lugar não muito longe da casa da onça, o teiú pediu ao cágado que descesse e tirasse os arreios, senão era muito feio para ele ser visto servindo de cavalo. O cágado respondeu que ele tivesse paciência e caminhasse mais um bocadinho, pois estava muito incomodado e não podia chegar a pé. Assim enganando o teiú até a porta da casa da onça, onde ele meteu-lhe o mangoal e as esporas a valer. Então gritou para dentro de casa: "Olá, eu não disse que o teiú era meu cavalo ?! venham ver !" Houve muita risada, e o cágado, vitorioso, disse à filha da onça: "Ande, moça ; monte-se na minha garupa e vamos casar." Assim aconteceu com grande vergonha para o teiú.

Contos Populares

(PERNAMBUCO)

O urubu e o sapo foram convidados para uma festa no céu. O urubu para debicar o sapo, foi a casa dele e lhe disse: “Então compadre sapo, já sei que tem de ir ao céu e eu quero ir em sua companhia.” – “Pois não! disse o sapo, eu hei de ir, contanto que você leve a sua viola.” – “Não tem dúvida, mas você há de levar o seu pandeiro,” respondeu o urubu. O urubu se retirou, ficando de voltar no dia marcado para a viagem. Nesse dia se apresentou em casa do sapo, e este o recebeu muito bem, mandando-o entrar para ver sua comadre e os afilhados. E quando o urubu estava entretido com a sapa e os sapinhos, o sapo velho entrou-lhe na viola, e disse-lhe de longe: “ Eu, como ando um pouco devagar, compadre, vou indo adiante.” E deixou-se ficar bem quietinho dentro da viola. O urubu, daí a pedaço, se despediu da comadre e dos afilhados, e agarrou na viola e largou-se para o céu. Lá chegando, lhe perguntaram logo pelo sapo, ao que ele respondeu: “Ora ! nem esse moço vem cá; quando lá em baixo ele não anda ligeiro, quanto mais voar!” Deixou a viola e foi comer, que já eram horas.

Estando todos reunidos nos comes e bebes, pulou, sem ser visto, o sapo de dentro da viola, dizendo: “Eu aqui estou!” Todos se admiraram de ver o sapo naquelas alturas. Entraram a dançar e brincar. Acabado o samba, foram todos se retirando, e o sapo, vendo o urubu distraído, entrou-lhe outra vez dentro da viola. Despediu-se o urubu e largou-se para terra. Chegando a certa altura, o sapo mexeu-se dentro da viola e o urubu virou-a de boca para baixo, e o sapo despenhou-se lá de cima, e vinha gritando: “Arreda pedra, senão te quebras!...” O urubu: “Qual?! qual?!”

Sílvio Romero

compadre sapo bem sabe voar!...” O sapo caiu e ralou-se todo; por isso é que ele é meio foveiro.

MELANCIA E CÔCO MOLE

(SERGIPE)

Havia um homem que gostava muito de uma moça e queria casar com ela. Um dia ele foi chamado pras guerras e disse à moça que não casasse com outro, que quando ele voltasse casaria com ela. Para ninguém desconfiar, o rapaz tratava a moça por – Melancia – e a moça tratava por – Côco Mole. Um dia se despediram muito chorosos e ele partiu para as guerras. Todo dia aparecia casamento para esta moça, porém ela não queria, com sentido no seu querido. Passados alguns anos e, aparecendo um dia um casamento, o pai da moça decidiu que ela havia de aceitar. Ela fez o gosto ao pai, e, quando foi no dia do casamento, o seu namorado chegou das guerras, indagou logo pela moça e soube que ela se casava naquele mesmo dia.

O rapaz ficou muito triste e não quis comer. Um caboclo, que era pagem dele, perguntou-lhe por que estava tão triste. Sabendo da história, disse-lhe: Não tem nada, meu amo. Deixa estar que eu arranjo tudo !! Havia uma árvore no fundo do quintal da casa da moça, onde ela costumava ir conversar com o antigo namorado. O caboclo ensinou ao amo que fosse para debaixo da árvore, que lhe garantia que a moça iria lá ter. Ele fez o que o caboclo recomendou, e este se dirigiu para casa da noiva. Chegando lá encontrou já todos os convidados, o noivo e a noiva já preparados, só faltando o padre para os casar. O caboclo pediu licença para fazer uma saúde à

Contos Populares

noiva, chegou-se para junto dela e disse :

“Eu venho lá de tão longe,
Corrido de tanta guerra,
Melancia, Côco mole
É chegado nesta terra.”

Todos bateram palma e disseram: “bravo! caboclo faça outra saúde.” O caboclo retrucou:

“Não há bebida tão boa,
Como seja o aluá,
Melancia, Côco mole
Vos espera no lugar.”

Todos bradaram: “Muito bem! caboclo!... faça outra saúde.” O caboclo, entusiasmado, continuou:

“Moça, que estais tão bonita,
Não vos lembrais do passado
Melancia, Côco mole
Vos manda muito recado.”

Ai a moça levantou-se e disse que ia beber água. Saiu caladinha pela porta do quintal e foi direitinha à árvore onde ela costumava ir conversar com o seu antigo namorado, que era o do peito. Chegando aí, encontrou-o e ao mesmo tempo a um padre que já ali se achava apalavrado para os casar.

Sílvio Romero

O VELHO E O TESOURO DO REI

(RIO DE JANEIRO)

Havia em um lugar um homem velho muito pobre, tão pobre que não tinha que comer.

Um dia roubaram o tesouro do rei, e este disse que quem adivinhasse a pessoa que o tinha roubado, ganharia uma grande soma de dinheiro. Levantaram um falso ao velho muito pobre, e foram dizer ao rei que ele tinha dito que sabia quem havia roubado o tesouro. O rei mandou-o chamar, e deu-lhe três dias para adivinhar, sob pena de morte.

Ficou o pobre homem em palácio, com ordem de comer do bom e do melhor. Logo no primeiro dia apareceu um criado que o serviu de muito bons manjares, e o homem comeu até não poder mais. Quando acabou, virou-se para o criado e disse: "Graças a Deus, que já vi um." Isto foi referindo-se ao bom passado, pois na sua vida era aquele o primeiro que tinha comido melhor.

O criado que era um dos cúmplices do roubo, ficou muito espantado e foi dizer aos outros dois companheiros o que tinha ouvido do velho. Então assentaram que no outro dia iria outro criado servir ao velho, para ver o que ele dizia. Com efeito, depois de ter comido e bebido bem no segundo dia, diz o velho para o criado: "Graças a Deus que já vi dois." O muito desconfiado disse aos outros: "Não há dúvida, o homem sabe que fomos nós que roubamos o rei." Então o terceiro criado para mais acreditar, foi servir o velho no terceiro dia. Este, depois que comeu bem, repetiu: "Graças a Deus que já vi três." Ai o criado ajoelhou-se aos pés do pobre homem e declarou que com efeito tinham

Contos Populares

sido eles que tinham roubado o tesouro do rei, mas que ele guardasse segredo, que eles prometiam de entregar toda a quantia.

O velho, que estava condenado à morte, assim que se viu senhor do segredo, jurou não declarar quem tinha feito o roubo e foi logo entregar o tesouro ao rei. Este ficou muito contente e recompensou o velho com uma grande soma de dinheiro.

Os criados por sua vez, não fizeram mais roubo, com medo de serem descobertos.